

## “Cinco arquitetos pintores”

SCHENBERG, Mário. Acrópole, dez. 1965.

O grupo dos cinco arquitetos pintores, integrado por Ubirajara Ribeiro, Maurício Nogueira Lima, Flávio Império, Sérgio Ferro e Samuel Szpigel - desempenha um papel cada vez mais destacado no movimento artístico paulistano. São muito diversos os temperamentos desses artistas, assim como as tendências que representam dentro do novo realismo, mas há certamente relações entre as suas pesquisas, talvez mais de polaridade dialética que de semelhança direta.

As diferenças entre os cinco são também devidas a trajetórias diversas antes de chegarem ao novo realismo. Ubirajara Ribeiro partiu de um paisagismo muito pessoal, marcado por preocupações espaciais e pela busca do elemento nacional na arte. Sofreu depois fortemente a influência do realismo mágico. Maurício Nogueira Lima foi uma das figuras mais importantes da pintura concreta paulistana. Flávio Império é um dos mais notáveis ceramistas brasileiros. Sérgio Ferro veio duma pintura informal de tendência expressionista, impregnada de sugestões existenciais. Samuel Szpigel teve talvez a evolução mais direta, para o seu tipo atual de realismo, dominado pela temática social, a partir de um realismo bastante romântico.

Ubirajara Ribeiro tem uma disposição lírica, temperada por inteligência sutil e irônica. Sua temporalidade é essencialmente barroca e nostálgica, vivenciando o presente como o foco de convergência do tempo que se foi. Daí a sua predileção pela técnica tradicional do óleo, caracterizado pela arquitetura das transparências.

Na última fase de sua pintura, Ubirajara conseguiu integrar completamente as suas interessantíssimas molduras entre os elementos básicos da composição dos seus quadros-objetos. A parte central

pintada do quadro-objeto dá a temporalidade nostálgica, brotando da profundidade do passado. A “moldura” introduz uma espacialidade expansiva, às vezes também uma temporalidade cíclica.

Os quadros-objetos já podiam ser considerados como esculturas bi-dimensionais. Gradualmente foi se desenvolvendo o interesse de Ubirajara pela escultura tri-dimensional. Isso se verifica no grande painel do Instituto de Arquitetos do Brasil. Esse painel é uma das obras mais poderosas do novo realismo brasileiro. Nele, Ubirajara combina numerosas unidades independentes, contidas em caixas abertas, que exprimem soberbamente vivências e atitudes existenciais básicas do homem de hoje.

Nos primeiros trabalhos néo-realistas de Maurício Nogueira Lima ainda se fazia sentir fortemente a reminiscência da sua fase concretista anterior, tanto na organização plástica como na composição dos textos escritos nas telas. Mas nas colagens posteriores essa influência foi diminuindo. Atualmente Maurício vai abandonando a colagem, preferindo pintar diretamente as figuras.

Nos quadros da última fase Maurício adota uma técnica narrativa, em vez da contraposição de imagens das suas colagens anteriores, utilizando apenas o desenho e a pintura. A eliminação da colagem dá maior organicidade e simplicidade às composições. Provavelmente Maurício encontrou assim a espécie de linguagem realista mais adaptada ao seu temperamento.

Como Ubirajara Ribeiro, Maurício Nogueira Lima é um pintor de requintada sensibilidade cromática. Há porém diferenças essenciais no colorido de ambos: Maurício usa mais cor para dar uma intensidade maior ao instante presente tomado em si, não como coroamento do passado. A temporalidade de Maurício é anti-barroca; a de Ubirajara tem afinidades barrocas.

Flávio Império ocupa uma posição especial no grupo dos cinco arquitetos pintores, pelo seu temperamento satírico e sua preocupação política. Ele é indiscutivelmente o Daumir da arte satírica brasileira de hoje, potencialmente um dos maiores pintores satíricos contemporâneos de todo o mundo.

Últimamente Flávio enriqueceu de modo notável as suas composições pelo emprego de numerosos objetos pequenos apostos às suas telas, de maneira sobremodo feliz. Conseguiu assim criar imagens definitivas de alguns dos protótipos da vida política brasileira dos últimos anos.

Dotado de uma inteligência aguda e implacável, Flávio revela a desumanidade, a confusão e a inépcia vociferante dos reacionários brasileiros, desmascarando a sua vacuidade empolada. Ele se distingue essencialmente de artistas como Enrico Baj, Juan Genovès, Manuel Calvo e Rosenquist, que possuem um senso trágico mais profundo. Flávio desmascara e fustiga, sem se apiedar. Tem maior eficácia política.

Dos cinco pintores do grupo, Sérgio Ferro é o que possui o senso existencial mais apurado. Poderíamos talvez dizer que o seu realismo é de tendência existencialista social. Essa modalidade de realismo, bastante rara, revela-se sobremodo interessante. Sua problemática é das mais profundas e sutis. Continua porém em grande parte filosoficamente obscura. Do ponto de vista da pintura, o realismo existencial se encontra mais frequentemente entre os continuadores do grupo Cabra, na chamada nova figuração.

As colagens de Sérgio Ferro são pesquisas importantes de aplicação de uma técnica nova ao realismo existencial de tendência social. Há certamente elementos dessa espécie de realismo nas colagens de Rauschenberg, mas a nota existencial ainda não predomina nelas. Nas de Sérgio essa nota é bem mais acentuada, o que lhes confere interesse especial.

Sérgio Ferro tem demonstrado grandes qualidades de sensibilidade plástica e colorística nas várias fases de sua obra, além do seu notável senso existencial. Ele é certamente um dos jovens artistas mais inteligentes e promissores.

Samuel Szpigel é talvez o artista brasileiro com características mais afins à pop-art americana, se bem que a temática dos seus trabalhos seja autenticamente paulista e o seu tratamento muito pessoal. A afinidade com a pop-art deriva da sua extraordinária capacidade de utilizar o cotidiano e as imagens mais vulgares para criar obras de arte significativas e altamente interessantes. Szpigel critica a sociedade brasileira e os acontecimentos políticos atuais de maneira sugestiva e eficaz, colocando-se decididamente dentro do mundo atual, sem romantismo nem nostalgia do passado. A temporalidade de Szpigel é voltada para o futuro: o seu presente constitui o ponto de partida para o amanhã. Isto o torna um dos artistas mais representativamente paulistanos.

O desenvolvimento artístico de Szpigel tem sido dos mais rápidos. Em poucos anos tornou-se uma das figuras mais destacadas da jovem arte brasileira, pela sua originalidade e pelo espírito tão surpreendente moderno e progressista de sua obra. Ele promete ser um dos criadores de uma linguagem popular urbana metropolitana na arte brasileira atual.

A presença pujante de uma arte de crítica social e política desempenhará indubitavelmente um papel relevante em toda a vida nacional, não limitado ao campo puramente artístico e cultural. Tenderá a se tornar um fator significativo para a elevação da consciência de amplos setores da nossa população e a influir cada vez mais no debate e na solução dos grandes problemas nacionais.